O ESTADO

ORGAM DO PARTIDO REPUBLICANO FEDERALISTA

ANNO I | ASSIGNATURA — Capital: — Trimestre 3$000 — Pelo correio: — Semestre 7$000 — Pagamento adiantado | ESTADO DE SANTA CATHARINA — DESTERRO, 1º DE OUTUBRO DE 1893 | REDACÇÃO E TYPOGRAPHIA — RUA TRAJANO N. 5 (Sobrado) — Numero avulso 40 réis | NUM. 244

ILEGIVEL

A REVOLUÇÃO
DA
ESQUADRA LIBERTADORA

Damos abaixo a narração do movimento revolucionario, levado a effeito pela Esquadra Nacional, a cuja frente, como não se ignora, se acha o illustre almirante Custodio de Mello, narração essa que nos foi remettida amavelmente pelo nosso distincto collega cidadão João José Cezar, que se acha a bordo do cruzador *Republica*.

Para ella pedimos a attenção dos nossos favorecedores.

Por falta de espaço deixamos de referirnos aos acontecimentos que se desenrolaram entre nós, o que faremos no nosso proximo numero.

S. Francisco do Sul.—Bordo do cruzador *Republica*, em 22 de Setembro de 1893.

Cabe-nos a suprema felicidade de communicar aos nossos patricios do Rio Grande do Sul os feitos da revolução gloriosa da marinha de guerra brazileira contra a tyrannia ignominiosa do governo do general Floriano Peixoto, vice-presidente da Republica.

E' extraordinario este acontecimento, que [illegible] tentativa para o resgate da consciencia nacional, obliterada por factores sociaes diversos, que concorrem para a desorganisação mental de todos os povos, á procura de um ideal definitivo.

Uma symbologia synthetica abroquella a revolução já chamada da Esquadra Libertadora—e é o que decorre do seguinte facto positivo: as revoluções, depois da Republica, eram todas de flores e *manifestação de apreço*; a do Rio Grande sublimouse pelo caracteristico de uma raça que tem brios tradicionaes, porque se trata de um povo guerreiro, e a presente já custa vidas preciosas e a destruição da propriedade individual, collectiva ou publica. A responsabilidade, porém, de uma e de outra pertence inteira ao governo do sr. Floriano Peixoto, governo dictatorialmente retrogrado e anarchico, prepotente e homicida.

Resulta do exposto, que podemos chamar premissa, a conclusão logica de que, vencedora ou vencida, a revolução da Esquadra Libertadora cimenta o marco da quietude nacional por largos annos: vencedora, fará comprehender que as revoluções a foguetes e espectaculos de gala, sobre serem ridiculas demais, são já intoleraveis; vencida, deixará lugar á permanencia da caudilhagem militar enthronisada pelo máo filho, máo cidadão e máo chefe de Estado que se chama Floriano Peixoto.

Na primeira hypothese, lucrará o Brazil unido, terra fecunda e de alevantados destinos na America; na segunda, que julgamos inadmissivel, abater-se-ha a Patria até á submissão dos escravisados dos tempos antigos.

—

A revolução da Esquadra Libertadora iniciou-se das 7 ás 11 horas da noite de 5 de Setembro. N'esse curtissimo lapso de tempo, tomaram passagem em botes, de diversos pontos da bahia do Rio de Janeiro, o almirante Custodio Mello e mais vinte e sete officiaes de marinha. O digno almirante apossou-se do couraçado *Aquidaban*, Candido Lara tomou conta do cruzador *Republica*, Monteiro da Silva (o ex-commandante da *Cananéa*) assumio o governo da *Trajano* e outros bravos receberam ordens para o complemento das operações que ainda hoje apavoram o despotismo estrebuchante.

Desde logo, o almirante Custodio Mello começou a faina de preparar a esquadra. O *Aquidaban* era considerado inservivel, mas o primeiro machinista Ernestino Moura poz em acção toda a sua incomparavel profisciencia, trabalhando herculeamente nas possantes machinas do formidavel vaso de guerra, deixando-o prompto em menos de quarenta e oito horas.

O capitão de fragata Alexandrino e o capitão tenente Pinto Sá, commandante e immediato do *Aquidaban* em revolta, completaram o trabalho reconstructor que o machinista Becker julgára impossivel, segundo a declaração que fez ao general Floriano Peixoto, affirmativa que occasionou a prisão d'aquelle pobre homem, quando o tyranno do Itamaraty soube que o *Aquidaban* movia-se ostentosamente em plena bahia do Guanabara!

O velho *Javary*, tambem considerado inutil, podia dias depois funccionar regularmente com os canhões de uma das suas torres couraçadas.

Só no dia 6 foi o governo informado do que se passava, ficando assombrado da audacia realisada. Tamanho foi o seu terror, que o *Republica* chegou impunemente, valorosamente até ao cáes do Lloyd e de lá proteger o reboque [illegible] couraçado *Javary*, [illegible] *Selentora*, aos [illegible] da Companhia Frigorifica (*Venus*, [illegible], *Urano*, *Jupiter*, [illegible] e *Marte*), a diversos vapores do Lloyd e da Companhia de Navegação Costeira, a rebocadores diversos, etc, etc.

O povo da Capital Federal assistio, entre o pasmo e a admiração inconcebivel, á conquista poderosissima d'estes elementos para a formação da Esquadra Libertadora, e o governo, attonito e imbecil, não sabia o que fazer!

Reunidas todas estas forças, começou a realização do plano combinado, que recebeu o reforço patriotico do batalhão naval destacado na ilha das Cobras e sob o commando do capitão de mar e guerra Eliezer Tavares—corpo que destacou, com a sua banda de musica, a bordo do navio capitanea, o *Aquidaban*.

O *Republica* foi fundear em frente á Armação (Nictheroy), afim de arrecadar munições de guerra para os navios revolucionarios. Seguio para alli uma expedição armada (30 praças), sob as ordens do 1º tenente Filinto Perry e 2º tenente Honorio de Barros, que cumpriram dignamente a tarefa que lhes foi confiada. Havia em Nictheroy mais de duzentas praças de policia e cavallaria, que tentaram repellir a expedição, porém que foram rechaçadas sem a menor difficuldade, soffrendo grande numero de perdas, ao passo que da expedição apenas succumbio um marinheiro.

Foi recolhida a munição necessaria, e, no dia seguinte, outra força dirigiu-se á Armação, sendo commandada pelo 2º tenente Honorio, que portou-se bizarramente, pondo em debandada a policia de Nictheroy, sob o commando do coronel Ramos, que, de assustado, cahio do cavallo.

Ali tambem prestaram serviços o major Sebastião Bandeira e o capitão Miranda de Carvalho.

Convém aqui deixar patente um facto: a Armação nunca offereceu obstaculo ao serviço da Esquadra, que teve-a sempre á sua disposição, emquanto precisou fornecer-se de munições. O *Paiz* e o *Tempo*, unicas folhas que cuspinham injurias e villanias sobre a marinha nacional, têm dito a respeito coisas inverosimeis, indecentes até, mas o simples bom senso repelle as pachuchadas garotas dos orgãos dos dois famosos aventureiros da Republica—Quintino Bocayuva e Aristides Lobo.

Tambem devemos dizer que a Esquadra Libertadora não pensou jámais em apoderar-se de Nictheroy, o que ser-lhe-hia facillimo, e só atirou sobre aquella capital alguns tiros (quasi todos de pontaria mergulhante) depois das provocações feitas d'ali, á noite, com algumas peças de artilharia de campanha.

Para corroborar o que dizemos, basta esta circumstancia: o illustre almirante Custodio Mello mandou á Nictheroy o 4º tenente Belfort a conferenciar com o governador Porciuncula, convidando-o a ir ao *Aquidaban*. O sr. Porciuncula, cheio de medo, negou-se a acompanhar o 4º tenente Belfort, e o almirante Custodio Mello, que, de accordo com todos os seus companheiros de jornada, não tem em mente a deposição de governadores, não lançou mão da sua autoridade—prepotente ante os canhões—para submetter o pusillanime governador, apezar dos telegrammas d'este ao vice-presidente da Republica jurando a adhesão... ao longe.

Os estragos materiaes em Nictheroy só podem ser levados á conta da imprudencia da força armada [illegible] qual quiz ter a veleidade [illegible] com a poderosa [illegible] esquadra, que, se tivesse [illegible] cruel perversidade affrontosa do sr. Floriano Peixoto, o mandante dos bombardeios [illegible] Amazonas, como de massacre selvagem de Matto-Grosso, reduziria Nictheroy a um montão de ruinas.

—

Durante as primeiras noites do movimento, lanchas diversas, como a *Lucy*, o *Vulcano*, o *Esperto*, etc., faziam a ronda da bahia e do porto, este então já armado por toda a parte. De terra, principalmente do arsenal de guerra, partia sempre a provocação. A fuzilaria era constante, durante muitas horas, contra as lanchas da ronda, que respondiam á represalia, pois aquellas embarcações estavam armadas em guerra.

As torpedeiras de alto mar e as outras, as pequenas, todas do lado da Esquadra, prestavam na vigilancia os maiores serviços. Uma d'ellas, a *Marcilio Dias*, era commandada pelo capitão-tenente Malveiro da Motta, que, victima da fatal enfermidade que o corroia, falleceu no seu posto glorioso, com magua profunda dos seus leaes e intemeratos companheiros.

Aproveitamos o ensejo para declarar que foi esse o unico official que succumbio durante a luta em que estamos empenhados. Nenhum outro tem tido sequer a mais leve escoriação na pelle, e de marinheiros apenas tres falleceram de ferimentos, ao passo que em Nictheroy e na Capital Federal são em grande numero as mortes e os ferimentos em praças do exercito e da policia.

Tambem é preciso pôr em evidencia a bestidade dos jornaes florianistas, que, todos os dias, asseveravam que as lanchas armadas tentavam desembarcar no cáes Pharoux, na Lapa, na praia de Santa Luzia e em outros pontos, sendo *patrioticamente repellidas* pelas forças de terra! Só idiotas pódem conceber a estultice do desembarque de meia duzia de homens em lugares fortemente guarnecidos por artilharia e infantaria.

De tantas miserias tem lançado mão essa imprensa mercenaria, que chegou a asseverar ferimentos, mortes imaginarias a bordo dos navios da esquadra, os quaes até hoje nada de grave têm soffrido. Como a imprensa independente, o *Jornal do Commercio*, a *Gazeta de Noticias*, o *Jornal do Brazil* e a *Cidade do Rio*, foi obrigada pela policia a calar, tendo-se ausentado alguns dos seus redactores (José do Patrocinio, Ruy Barbosa e outros), o *Paiz* e o *Tempo* ficaram em campo para calumniar torpemente mais de dois mil revolucionarios armados, que abandonaram familia, interesses, posições e commomidades, porque unicamente têm em vista a felicidade da Patria Republicana.

Amanhã, os covardes ou rastejarão servilmente, ignominiosamente, promptos a todos os papeis, ou então terão de amargar até ás fézes todos os aviltamentos commettidos.

Antes de continuar a narração, por demais rapida, dos successos promanados d'esta benemerita campanha dignificadora, expomos á opinião esclarecida do povo da terra gaúcha a proclamação do almirante Custodio Mello—ou o programma objectivo da revolta da Esquadra Libertadora:

« *Concidadãos !*

«O movimento revolucionario de 23 de novembro não teve outro fim senão restaurar o regimen constitucional e a acção dos poderes constituidos, que o golpe de estado de 3 de novembro anniquillára, com assombro geral da Nação, e principalmente [illegible] quasi todos eram responsaveis pela formação do governo republicano. [illegible] dictadura de 3 de novembro não visou outros intuitos; com effeito, que o da irresponsabilidade da administração na questão financeira da Republica: se por um lado accenava ás ambições inconfessaveis e aos interesses menos legitimos, por outro abatia o caracter nacional, ludibriava-o, fazendo crer que a Nação, incapaz de crear para si instituições livres e de viver á sua sombra, recebera submissa e sem protestos o jugo de uma autocracia que era um vilipendio e significava uma humilhação.

« Sabeis a parte que a mim coube, determinada pelos acontecimentos, nesse memoravel periodo de acção revolucionaria contra o arbitrio do poder: servi á causa dos interesses populares de 23 de novembro; estive no posto que do meu pundonór, como militar, e da comprehensão de meus deveres civicos, como brazileiro, a Patria tinha o direito de exigir que eu occupasse.

«E se, depois desse dia, algumas parcellas da publica autoridade vieram até á modestia do meu lar, não o foram pelas suggestões da propria vontade, mas pela responsabilidade politica, que as vicissitudes da Revolução, creando uma nova ordem de coisas, determinaram.

« No governo, até quando a elle pertenci, procurei manter firmes os meus intuitos patrioticos, sustentando com inquebrantavel logica a supremacia da Constituição e a submissão á Lei.

« Nem um só dia se passou que, como ministro, eu não estivesse de atalaia em prol dos direitos e das liberdades populares contra a acção invasora e absorvente de uma forma de administração que, enfeixando nas proprias mãos todas as funcções politicas da Nação, todas as manifestações da soberania popular, tendia, de arbitrio em arbitrio, de prepotencia em prepotencia, escalar todas as ameias dos poderes politicos e annullar todas as regalias constitucionaes.

« Contra a Constituição e contra a integridade da propria Nação, o chefe do Executivo mobilizou o Exercito Nacional discricionariamente, pôl-o em pé de guerra e despejou-o nos infelizes Estados de Santa Catharina e Rio Grande do Sul.

« Contra quem? Contra inimigos do exterior, contra estrangeiros? Não. O presidente da Republica armou brazileiros, levantou legiões de suppostos patriotas, levando o lucto, a desolação e a miseria a todos os angulos da Republica, com o fim unico de satisfazer caprichos pessoaes e firmar no futuro, pelo terror, a supremacia de sua ferrenha dictadura.

« Sentinella ao thesouro nacional, como promettera, o chefe do executivo perjurou, illudiu a Nação, abrindo com mão sacrilega as arcas do erario publico a uma politica de suborno e corrupção, sacrificando a autoridade que, em má hora, a revolução de 23 de novembro em suas mãos depositou.

« A bancarrota já nos bate á porta: ella ahi está com todo o seu cortejo de horrores e miserias.

« Concidadãos! No declinio fatal do poder que se transvia, a administração republicana desceu a todos os abusos.

« Mutilada e innumeras vezes golpeada, a Constituição de 24 de fevereiro já não tem fórma pela qual se reconheça como a suprema lei das liberdades publicas e das garantias do cidadão: por toda a parte impera o arbitrio do poder.

« Não posso conservar-me inerte nesta situação angustiosa do meu Paiz. Os homens, a cuja acção os acontecimentos politicos foram determinados, não podem deixar de concentrar em si as tendencias e as aspirações de uma epocha.

« A nação anceia por ver-se livre de um governo que a humilha: a epocha é, pois, de reconquista de direitos e de liberdades que foram conculcadas e supprimidas.

« Na vida das nacionalidades, como na vida dos individuos, ha momentos de acção decisiva.

« Lutar, para não ser abatida e humilhada a Patria: combater pelos principios da liberdade, que a honra humana sagrou como primeiro attributo do nosso espirito e da nossa natureza: transmittir sem nodoa aos filhos o nome e a honra dos avós que fizeram livre o governo do Brazil,— eis a situação em que nos achamos.

« Os acontecimentos assim o determinam.

« Official de marinha, brazileiro e cidadão de uma patria livre, ainda uma vez vou achar-me no campo da acção revolucionaria para dar combate aos demolidores da Constituição e restaurar o regimen da lei, da ordem e da paz.

« Nenhuma suggestão de poder, nenhum desejo de governo, nenhuma aspiração de exercer mandatos por esforço violento da propria individualidade, me levam á revolução.

« Que a Nação Brazileira possa e saiba exercer a sua soberania dentro da republica, eis o meu desideratum, eis a cogitação suprema do meu espirito e da minha vontade.

« Viva a Nação Brazileira!

« Viva a Republica!

« Viva a Constituição!—Capital Federal, 6 de Setembro de 1893.— *Custodio José de Mello.* »

—

Do 6 até 13, nada de notavel occorreu pela Esquadra Libertadora, que, imperturbavelmente, forneceu-se de carvão, agua, munições de guerra e mantimentos, chegando á magnanimidade de não interromper as communicações de terra com a fortaleza de Santa Cruz, o reducto da tyrannia entregue ao coronel Pedro Lopes, que, em telegramma ao general Floriano, jurou esmagar os *miseraveis traidores* que se antepoem aos desmandos governativos, á corrupção administrativa e á ladroagem das rendas publicas.

A espontaneidade sympathica da opinião, tanto quanto era possivel observar-se, manifestou-se desde logo para com os ousados batalhadores que dominam toda a costa do Brazil.

Por mais que o governo, em terra, cogitasse dos meios de incommunicabilidade, a Esquadra orientava-se, dia a dia, de todos os successos, pelas folhas e cartas recebidas por intermedio de cidadãos que jogavam a vida pela liberdade, havendo a registrar factos de um valor moral realmente assombroso, porém que é cedo para tornar publicos.

No dia 13, alguma cousa de pasmoso devia realisar-se, e, com effeito, houve lugar.

A's 10 horas da manhã, obedecendo ás ordens do navio capitanea, o cruzador *Republica* suspendeu ferro e collocou-se ao norte da fortaleza de Villaigagnon, entre esta e o arsenal de guerra. Depois de deixal-o n'essa posição, disposto para um ataque verdadeiramente temerario, o commandante Lara reunio os officiaes e a marinheiragem, fallando-lhes com enthusiasmo ardoroso, na valentia de umas phrases provocadoras de lagrimas...

O *Aquidaban* manobrava no Poço, ao noroéste de Graguatá, forte desarmado do Estado do Rio de Janeiro.

O *Javary*, que estava fundeado proximo á Ilha Fiscal, recebeu reboque e fundeou entre Graguatá e a fortaleza de Santa Cruz.

A *Trajano*, pondo-se em movimento, cruzou entre a Ilha das Cobras, o arsenal de guerra e Nictheroy, emquanto as torpedeiras e outras embarcações manobravam nas proximidades da Armação.

A *Marajó*, rebocada, tendo por commandante o 1º tenente Monteiro de Barros e por immediato o joven rio-grandense Joaquim Pardo Vieira, heroicamente arvorado em official de marinha, tomou posição junto á Praia Grande.

Pouco depois das primeiras evoluções da *Republica*, assim disposto mais para defender Villaigagnon, ameaçada de assalto pelo governo, do que para entrar directamente no combate, Santa Cruz começou o bombardeio, dirigindo os seus fogos contra aquelle cruzador, que não se demorou em corresponder ao ataque. Na fortaleza houve nos primeiros momentos uma explosão, cuja causa não está até hoje bem conhecida.

Sobre o mesmo navio convergiram então os fogos d'aquella fortaleza, dos Krupps do arsenal de guerra e das baterias assestadas nos morros do Castello e S. Bento, em uma cidade aberta e que não havia sido prevenida sobre os males de um bombardeamento.

O *Republica* agitou-se destemidamente, serpenteando pela esplendidissima bahia do Guanabara, fazendo funccionar a sua artilharia Armstrong e os canhões de tiro rapido, com uma velocidade espantosa, e provocando delirio entre os seus artilheiros, pelos navios da esquadra estrangeira e até na multidão que, em alguns morros da capital, observava a faceirice dominadora do inegualavel cruzador—o *Huascar* da esquadra brazileira, como o denomina o nosso querido Filinto Perry.

Os canhões Armstrong, queimando para todos os pontos de onde recebia fogos, funccionaram regularmente, ora por percussão ora por electricidade, á vontade dos destemidos artilheiros. Houve pontarias admiraveis.

O *Aquidaban*, aproximou-se o mais possivel da fortaleza de Santa Cruz, a tal dos *traidores miseraveis*, e sobre ella despejou os projectis formidaveis da sua artilharia, fazendo-a calar dentro em pouco, mas sem parar o bombardeio até á noite.

Enormes foram os estragos nas fortalezas, havendo n'ellas crescido numero de feridos

Por ordem do almirante Custodio Mello, o *Republica* chegou á falla do *Aquidaban*, ficando A UMA MILHA da fortaleza de Santa Cruz. Vimos então intrepidamente sobre o tombadilho do navio capitanea o denodado almirante director do grande movimento e o nosso distinctissimo patricio, o capitão de mar e guerra Frederico Guilherme Lorena, ambos altivos e dignos, fardados, enluvados e fallando inalteravelmente ao commando do *Republica*!

Este, em toda a herculea acção, não teve uma unica arranhadura na sua delicada vestimenta externa, o mais insignificante ferimento no pessoal de bordo, apezar do crepitar das balas cruzadas sobre elle. A bandeira, sim, a bandeira da ordem e do progresso, içada na carangueija de ré, sentio a passagem de uma bomba que a assignalou por um rombo na côr celeste do nosso céo americano!

Outras balas, timidas, covardes, espocaram no costado do incorruptivel cruzador, que, á noite, descançou junto á Armação, mantendo-se a bordo a vigilancia de sempre.

Não devemos deixar sem registro, aqui, os nomes da brava officialidade do *Republica*:

Chefe da expedição—capitão de mar e guerra Frederico Guilherme Lorena;

Commandante—capitão-tenente Candido Lara;

Immediato—1º tenente Alvaro Ribeiro Graça;

1os tenentes: Felinto Perry, Manoel Pacheco de Carvalho Junior, Theotonio Augusto Pereira, Collatino Valle, Arnaldo Sampaio. 2º tenente Honorio de Barros.

No *Republica* esteve como immediato, no começo das operações, o 1º tenente Monteiro de Barros, e nelle tambem servio o 2º tenente Piragibe.

—

No *Aquidaban*, uma bomba rebentou uma vigia e explodio no camarote do 1º tenente Camisão, causando damnos materiaes na parte vulneravel do possante couraçado. Outra bala attingio-lhe o mastro de ferro da gata, perfurando-o sem maiores estragos. Mais duas cahiram a bordo, uma que cancanou friamente sobre o convéz, para gaudio da marujada, e outra que resvalou na amurada para afundar-se nas aguas apavoradas da bahia

O *Javary* apenas fez dois ou tres tiros sobre a fortaleza principal, emquanto a *Trajano*, gaúchamente, queima a para differentes pontos.

A *Marajó*, já legendaria, teve papel saliente nas operações, e uma bomba fez-lhe estragos junto ao leme, rebentando em estilhaços que damnificaram parte da escotilha e queimaram algumas bandeiras de signaes. A bandeira nacional, essa foi completamente estraçalhada.

Infelizmente, a bomba ferio a um marinheiro, que recebeu os primeiros curativos, mesmo a bordo, do dr. João Pedroso Barreto de Albuquerque, um moço recommendavel pelo civismo com que se dedicou á causa libertadora da revolução.

Esse honrado facultativo serve a bordo do *Republica*, onde tambem se acham, desde o inicio da grandiosa agitação, o nosso valente patricio Annibal Cardoso e o autor d'estas linhas, escriptas a correr, afim de aproveitarmos a primeira opportunidade que se nos offerece para levar noticias (por onde? por quem? por que meios?) á terra ingente que luta de armas na mão contra o representante tresloucado da ominosa tyrannia central.

—

Depois do bombardeio entre a Esquadra e a fortaleza de Santa Cruz e os reductos de terra (sem que fallemos da Lage, desmoralisada ao primeiro tiro do *Aquidaban*, e da S. João, tristemente celebre pela disputa Confucio-Montenegro), eis o facto de maior monta na revolução, até 17:

O vice presidente tyranno, desesperado e raivento, communica pesios a diplomacia estrangeira, convidando-a (parece incrivel!) a uma reunião no Itamaraty. Tinha por fim o despota jogar a marinha estrangeira de encontro á Esquadra libertadora, e o caso indigno foi proclamado pela imprensa do aulicismo; mas, logo após o bombardeio, o almirante Custodio Mello dirigio uma nota aos chefes dos navios de guerra inglezes, italianos francezes e portuguezes, declarando-lhes que o governo mantinha baterias em terra, atirando sobre a Esquadra, que não podia deixar de responder ao ataque. A responsabilidade, portanto, dos estragos materiaes e das victimas, na cidade, cahia toda ao governo do general Floriano Peixoto.

Em protesto baseado no direito internacional, os diplomatas estrangeiros compelliram o governo a capitular: retirou as baterias de terra.

Mais essa humilhação tragou o aventureiro que enxovalha a dignidade de um povo opprimido!

—

Até 15, cuidou-se de um certo preparativo para operações mais sérias, estonteando a gente encastellada no Itamaraty. A 1 ½ hora da noite de 17, o cruzador *Republica*, tendo-se resguardado convenientemente, sob a direcção do chefe da nova expedição inacreditavel, o capitão de mar e guerra Frederico Lorena, forçou a fortaleza de Santa Cruz, guarnecida triangularmente por duzentas boccas de fogo!

Não ha eloquencia digna desse commettimento sem nome.

Estertorando se no ruido das suas bellissimas machinas, o *Republica* deitou dezoito milhas em uma passagem de frecha entre a grande fortaleza artilhada, a de Lage e a de S. João, bestialisadas as tres diante da temeridade do navio voador!

A Santa Cruz cuspio balas sem conta, já quando o *Republica* a ensombrava magestosamente, mas sem ao menos acordar as luzes semi-adormecidas do poderoso *foco de trevas* que estava, naquelle supremo instante, esclarecendo toda a alma do povo brazileiro!

Maior ainda foi a temerosa passagem do *Pallas*, na madrugada seguinte, por entre o bombardear da Santa Cruz, da S. João e da escola militar, encarniçadas doidamente para inutilisar o alteroso paquete armado em guerra, sob o commando do heroicissimo Pio Torelly, que, de pé, junto ao leme, *ia olhando o caso* (a phrase é delle), enviava por desfastio uns tiros de salva contra os pequenissimos inimigos da indomita coragem dos marinheiros nacionaes.

Junto ao Torelly estavam o 2º tenente Piragibe, de valor tradicional, e o dr. Aquilino Amaral, o estupendo grumete de raro desprendimento, além de outros consocios da descommunal empreza.

Uma torpedeira, a *Marcilio Dias*, commandada pelo 1º tenente Mattos e tendo por immediato o já assignalado Vieirinha, tambem forçou o phantasma da Santa Cruz —já bestificada até perante o governo do allucinado tyranno-mór, que tem por acólitos principaes os *valladões* e *silvados* impotentes para reações nobilitantes.

Por sobre essa hecatombe de mortos-vivos, rezou a oração da pureza immaculada o Apostolado que collaborou na revolta de 23 de Novembro e que, neste angustioso momento, por coherencia inaudita, ajuda a metralhar nos cantos da cidade os irmãos que não são apostolos da doutrina... do sangue.

—

O *Republica* e o *Pallas*, depois de tranquillisarem-se um pouco entre S. Sebastião e Villa Bella, onde ficou feito o serviço necessario, dirigiram-se em observação até Santos. Estiveram fundeados á noite e no dia seguinte foram comprimentados por duas peças da praia e pelos infelizes canhões da fortaleza. Provocado, o *Republica* queimou sobre os pontos de ataque apenas para corresponder á gentileza da saudação. Annibal Cardoso, dirigindo a pontaria de uma Armstrong, enviou ao seio da fortaleza dois *michelos* que ali causaram grande destroço, emquanto outros artilheiros debandavam a gente das baterias de terra.

E ambos os navios de guerra dirigiram-se a S. Francisco—porto adoravel de uma cidade amiga, que os recebeu amoravelmente, facilitando lhes agua, carvão, mantimentos e sympathias infinitas.

Uma necessaria visita foi feita a Joinville, onde o povo é todo carinhoso pela revolução da Esquadra Libertadora.

Emquanto o *Republica* e o *Pallas* confraternisam por S. Francisco e Joinville, outros vasos de guerra operam pela longa costa, toda entregue á esquadra, que mantêm em rigoroso bloqueio os portos da Capital Federal e de Santos, estreitando o tyranno no circulo de aço que lentamente o asphyxia.

O general Floriano Peixoto, sem acção no Oceano e na costa, sem mar e sem portos, apenas mantém se no poder pela longaminidade delictuosa de um povo que já sente a fome roêr-lhe as entranhas e que afinal ha de impôr a capitulação de governo tão degradante.

—

Quem ler attentamente esta exposição, feita a largos traços, um tanto desordenada, ha de lembrar-se de inquerir sobre a attitude guardada pela fortaleza de Villaigagnon e pela Escola Naval commandada pelo illustrado almirante Saldanha da Gama. Não é neutral a attitude d'aquella fortaleza, pois o governo não tem poder sobre ella. A mesma fortaleza tem estado sempre em contacto com a esquadra, que fornece-lhe tudo quanto ella precisa.

Quanto ao almirante Saldanha da Gama, esse desobedece formalmente á prepotencia do general Floriano, mantendo incondicionalmente a disciplina na Escola e cuidando do hospital da Ilha das Cobras, para onde têm sido enviados os poucos marinheiros feridos nos ataques de que já tratámos.

Desespera-se o tyranno, mas não tem nem audacia nem brio para reagir!

A esquadra toda, ou para melhor dizer, toda a marinha é solidaria com os feitos já conhecidos, estando a bordo dos navios até

os officiaes que serviam os cargos de secretarios e ajudantes de ordens do ministro Chaves e do ajudante-general da armada.

Muitos outros, que estão em terra, não têm podido communicar-se com os navios, e disso sabe o governo, que vive de transigencia em transigencia, ao mesmo tempo perverso e poltrão.

—

Com o dr. Manoel Lavrador, pertencente ao grupo dos revolucionarios civis a bordo da esquadra, está no *Republica* o capitão reformado Miranda de Carvalho, e outros militares de terra agem na mesma linha de conducta. Isto desnorteia de certo modo o plano nefasto do dictador, que tem se atirado a todos os recursos, ainda os mais tôrpes, para dividir as classes armadas da Nação.

Em S. Paulo revolucinado, como na capital federal e em outras cidades, distinctos militares põem em cerco a politicagem malevola engendrada entre os novos aulicos da Republica, os fomentadores do descredito das instituições sagradas pela insurreição militar de 89 e que receberam o baptismo de sangue de 93.

O ideal d'esta luta é a restituição da Nação a si mesma, ás classes civis dirigentes, para que se extermine de vez o dominio funesto da espada.

Se a revolução da Esquadra Libertadora fosse abafada pelo despotismo já desorientado, a Patria desceria á degradação moral de uma dictadura traidora por muitos annos, governando discricionariamente até ao desmembramento dos Estados, a principiar pelo Rio Grande do Sul—o espantalho, o terror da tyrannia que o ensanguentou e empobreceu, depois de proclamar o *direito* da deshonra nos lares, do saque á propriedade, do assassinio dos chefes de familia, das mulheres e creanças.

Em nome do Rio Grande do Sul, que cada vez mais se dignifica perante a communhão humana e tendo arvoradada no topo dos mastros dos seus navios a bandeira-symbolo de uma nacionalidade que fará o orgulho da raça latina, a Esquadra Libertadora offerece a todo o Occidente o exemplo magnanimo da revolta pelo restabelecimento do Estatuto Fundamental da Republica, golpeada profundamente, criminosamente pelo general Floriano Peixoto, com a sancção da maioria do Congresso—escrava submissa de um poder aviltante.

A Esquadra Libertadora reorganisará a Republica Federal pela victoria a mais eloquente e patriotica, porque com ella palpita inteira a alma nacional!

JOÃO JOSÉ CEZAR.

—

Hontem foi distribuido o seguinte boletim, contendo a patriotica proclamação ao Povo Catharinense do distincto capitão de mar e guerra cidadão Frederico Lorena, chefe da divisão expedicionaria que se acha em nosso porto.

AO POVO CATHARINENSE

A Esquadra Expedicionaria ora em face de vós é portadora da liberdade da Patria, de ha muito envilecida pela tyrannia do marechal Floriano Peixoto, o homem que, em satisfação de mesquinhas ambições, mandou verter o sangue dos pacificos catharinenses, cobrindo de luto os lares de um povo ordeiro. Esse mesmo homem, que tem levado a guerra fratricida a todos os Estados da União; que tem, como nenhum outro, feito derramar o sangue dos brazileiros; que tem, por meio dos assassinos ao seu serviço, levado a deshonra ao lar das nossas patricias,—não encontrou embaraços aos seus planos nem no grito do orphão que, desamparado, pede pão, nem no soluçar da viuva ante a familia desolada, nem no gemer da donzella a debater se entre a virtude sua protectora e a voracidade do algoz armado pelo poder criminoso!

Tendes sido testemunhas dos horrores praticados no Estado visinho, onde o banditismo conta com o apoio do governo central; tendes mesmo experimentado a nefasta influencia desse governo de horrores. Mas não pára ahi a malvadez:

As classes armadas têm sido propositalmente criminosamente anarchisadas e annulladas. Os nossos camaradas do exercito, os bons cidadãos têm sido victimas dos mais dolorosos desacatos. Generaes desacatados por ordem do chefe da Nação; officiaes superiores presos em xadrezes por suppostos delictos politicos; e, mais do que isso, camaradas de armas degollados por assalariados do poder, ficando os cadaveres expostos, para pasto dos urubús, com a farda e os distinctivos da classe!

Depois de tudo termos tentado, já perante o proprio poder executivo, já perante o Congresso Nacional, para que se puzesse termo a tantos e tão repetidos desmandos, os quaes acarretam a perda da honorabilidade de uma Nação civilisada e o desbarato dos dinheiros publicos, gastando-se centenares de contos de réis para a manutenção da luta armada entre irmãos, ficou evidente que o marechal Floriano Peixoto, que fomenta a destruição das instituições e a desintegração da Patria, só poderia encontrar barreira aos seus desatinos na Revolução aconselhada pela opinião nacional.

Por isso, a Marinha Brazileira e parte do Exercito, de armas na mão, têm, desde o dia 6 do corrente mez, o tyranno encerrado na Capital Federal, onde em vão elle organisa resistencia que o ampare na quéda inevitavel que está imminente. Em fortalezas e corpos substituio os bons militares por servidores do seu capricho pessoal, pensando que, cercado de ambiciosos e de poucos homens illudidos, poderá triumphar contra os interesses nacionaes.

A Esquadra, porém, demonstrou o nenhum valor dos aprestos do tyranno, bombardeando as fortalezas que lhe são fieis, fazendo-as calar e respondendo vantajosamente aos fogos das baterias, imprudentemente, barbaramente, collocadas em diversos pontos da cidade, onde apraz manter-se ou para cevar-se em sangue de innocentes ou para esconder-se por traz de habitantes indefesos.

Saiba o digno Povo Catharinense que não se trata, no momento, de luta entre classes, como o quiz fazer acreditar o cruel marechal. Não é tambem um partido que pretende collocar-se no poder. O almirante Custodio Mello, director d'este movimento glorioso, declara bem alto que cousa alguma pretende para si, que não aceitará nada de politica, conservando-se na esphera das suas funcções militares.

Visamos a liberdade da Patria, afim de que os nossos concidadãos, livres de quaesquer peias, possam escolher aquelles que devem consolidar as instituições, fazendo effectivas as garantias offerecidas pela Constituição e que pondo em vigor o regimen federativo n'ella estabelecido, sempre fraudado pelos chefes dos governos que tão mal têm dirigido os destinos da Patria.

O Povo Brazileiro, que tem mostrado aos tyrannos que elles nada valem contra a vontade nacional, que saiba mostrar ao mais cruel dos infelicitadores do Brazil a improficuidade a que recorre para abater o civismo que nos é tradicional.

A causa publica pede ainda os nossos esforços. A Patria ainda exige os nossos sacrificios.

Operemos com firmeza e perseverança, e ruirá por terra a tyrannia, deixando a Nação entregue á posse de si mesma.

Viva a Republica Federal!

Viva o Povo Catharinense!

Bordo do cruzador *Republica*, em 30 de Setembro de 1893.

FREDERICO GUILHERME LORENA,
Chefe da Divisão Expedicionaria.

ANNUNCIOS

PHOTOGRAPHIA

POR 70$000

Vende-se uma machina photographica, com todos os pertences, propria para quem desejar aprender a arte.

Informações no armarinho Villela.

Chapelaria Ondina

Chegou um lindo sortimento de chapéos bilontra para meninas.

RUA DA REPUBLICA N. 4

BANCO UNIÃO DE S. PAULO

CAIXA FILIAL

4 RUA TRAJANO 4

SACCA SOBRE AS SEGUINTES PRAÇAS:

Rio de Janeiro—Sua agencia.
São Paulo—Sua matriz.
Agencias: Santos, Campinas, Rio Claro, S. Carlos do Pinhal, Sorocabaéirão Preto, Itatiba, etc, etc.
Paraná—Sua Caixa filial em Curityba.
Goyaz— » » »
Pernambuco—Banco Emissor e suas agencias.
Rio Grande, Porto Alegre e Pelotas, Banco da Republica do Brazil.

Desconta lettras da terra, sobre S. Paulo e mais Estados.

Realisa emprestimos por lettra e em conta corrente sob cauções de titulos e hypothecas garantidas.

Recebe dinheiro a premio nas seguintes condições:

Em conta corrente de movimentos com retiradas livres	5 %
Por lettras a prazo fixo a 6 meze,	5 ½ %
» » » » a 9 »	6 %
» » » » a 12 »	7 %

Desterro, 15 de Julho de 1893

EXPEDIENTE-Das 10 ás 3 horas

AGENTE — JOÃO C. GOULART
SUB-AGENTE — F. A. DE PAULA VIANNA

Distillação Rio-Grandense

A VAPOR NA PINGUELLA CONCEIÇÃO DO ARROIO)

e fabrica de vinho, vinagre e licores

EM PORTO ALEGRE, RUA 7 DE SETEMBRO N.59

Temos sempre em deposito: Vinho branco e tinto de diversas qualidades além da já acreditada marca **Corôa**. Vinagre branco e tinto. Licor de guaco, cacau, menth genciana e de diversas qualidades. Cognac de diversas qualidades **Rhum, Fernet, Vermuth, Amaro Vecelli,** dito de quina. Bitter de diversas qualidades, kümel de diversas qualidades. Xaropes de fructas finos e entre-finos. Aniz hespanhol e anizette. Genebra de diversas qualidades; dita em garrafões. **Aguardente e alcool de 36° e 40°.**

Garantimos a qualidade de nossos preparados porque além de receber directamente da Europa as plantas e raizes para a sua confecção, dispomos de um habil profissional que já trabalhou nas afamadas distillarias de **Maria Brizart & Roger,** em Bordeaux e de **Marchi & Parodi,** em Montevidéo.

Sendo nosso principal cuidado acondicionar bem os nossos generos, montamos tanoaria propria. Brevemente faremos uma exposição, franqueando nossa fabrica ao publico

J. A. Vieira & C.

NOVIDADE

CLUB 12 DE AGOSTO

Grade festa de anniversario

A Caza do Sapatinho Elegante, recommenda ao Bello Séxo, o bonito e bem variado sortimento de sapatos para senhoras e homens que acaba de chegar da Europa e que vende por preços baratissimos.

RUA DO COMMERCIO N. 42

Julião Martins Barbosa.

MILHO

Vende-se a 6$000 réis no armazem de

RICARDO BARBOSA.

GRANDE LOTERIA

Premio maior

240:000$000

Extracção infallivel

SABBADO

7 DE OUTUBRO

GRANDE LOTERIA DE SANTA CATHARINA

PROTECTORA DA POBREZA

300 CONTOS

PLANO NOVO

2ª SÉRIE DA 1ª LOTERIA

TERÇA-FEIRA, 1 DE OUTUBRO

A UMA HORA DA TARDE

Com 1$500 recebe-se 30:000$000 integraes

Com 3$750 rs. recebe-se 25:000$ integraes

Com 3$ recebe-se 20 contos integraes

COM 2$250 RECEBE-SE 15:000 INTEGRAES

Com 1$500 recebe se 10:000$000 integraes

COM 750 RS. RECEBE-SE 5:000$ INTEGRAES

CASO CONTRARIO PAGA-SE O DOBRO

Os bilhetes acham-se á venda desde já, á rua da Republica n. 8

240 CONTOS

A 11ª SÉRIE DA 6ª LOTERIA SERÁ EXTRAHIDA

SABBADO, 7 DE OTTUBRO

A uma hora da tarde

CASO CONTRARIO PAGA-SE O DOBRO

8 RUA DA REPUBLICA 8

Endereço telegraphico—Azevedo. Caixa postal—20

O contractador—ANTONIO C. DE AZEVEDO